

CORDEL E CULTURA DE MASSA

Conferência realizada no Centro de Estudos Portugueses
Belo Horizonte, 22 de novembro de 1982

Vera Lúcia Casa Nova

O artigo apresenta notas para um estudo da apropriação de discurso entre as diferentes classes sociais e sua prática através do Cordel e meios de comunicação de massa.

Este texto é uma introdução a estudos que ando fazendo há algum tempo, em torno da análise do discurso popular e do discurso da chamada cultura de Massa.

Para compreendermos o Cordel na sua dinâmica de produção e no seu consumo, é preciso irmos até lá, em suas fontes, o Nordeste; o sertão, o mercado, a saída da fábrica, a feira. O Cordel é considerado como uma das mais autênticas modalidades de literatura popular, porque é uma produção do poeta popular cantador para o homem que diz "não sei ler", que come farinha de mandioca com caldo de ossos; que tem no mandacaru seu retrato e ainda se abre para um lazer - o de ouvir ou ler a literatura de Cordel.

Todo o texto de literatura popular nos faz repensar o próprio conceito de popular, quando sabemos que a transformação dos modos de ser do *popular* nos obriga a pensar o conceito *povo*

em bases novas.

Os traços definidores desse *popular* estão ligados à sua metamorfose, às modificações de ordem social, e principalmente pelas marcas da Revolução Industrial.

Por isso não vejo o Cordel como um dos componentes do "mito da vida artesanal e rural imaculadamente autêntico", para não entrar pela mística romântica do folclore.

Estudar Cordel é passar pelo crivo da tradição e da dominação. As diversas óticas, seja antropológica, sociológica ou mais ultimamente semiológica (retórica e ideologia), depreendem academicamente esse fenômeno de resistência, de memória, cujo período histórico de produção cultural se liga ao processo de exploração sócio-econômica pelo mandonismo local.

Ir à feira, ao mercado, à procura de so brevivência, faz desse homem, por exemplo, o la - vrador, se encontrar com o poeta popular, ou me - lhor, com o poeta-matuto (no dizer dele próprio).

Rodeando o poeta, lendo seus folhetos no mercado S. José (PE), na feira de Caruaru, nas praças de Olinda, em J. do Norte (CE), na feira de S. Cristóvão, no RJ, entre outros lugares - espaços que lembram uma sociedade que, às vezes, parece estar vivendo a pré-revolução industrial.

Ao ler o texto de Cordel, o que esse la - vrador vê? O que representa para ele esse texto? a expressão de sua cultura? E o resto da sociedade brasileira? Como é vista essa manifestação literária, em que momento e quais os motivos que a le -

vam a se apropriar e a reelaborar essa modalidade de literatura (cultura)?

Decorrente desse questionamento, um aspecto a ser considerado é o da manipulação. O conceito de manipulação que uso aqui é o de Hans Magnus Enzensberger em *Teoria dos Meios de Comunicação de Massa*¹ quando diz: manipulação é uma consciente intervenção técnica em dado material. Se essa intervenção é de importância social imediata, a manipulação constitui um ato político.

A classe dominante se apropria e faz o que bem entende (ideologicamente) com o Cordel. O Cordelista participa muitas vezes desse mecanismo sem se dar conta do que está por detrás desse grande mascaramento, dessa grande ocultação das relações históricas - do uso que fazem dele. Os folhetos são usados por estabelecimentos bancários, particulares e oficiais, mostrando como plantar algo com financiamento, e na crença de que a literatura popular nordestina é jornalismo paralelo. Aqui podemos ver as manipulações atendendo ao poder econômico.

Aparentemente ensinando para daí tirar lucro, mais uma vez vemos a classe dominante, doadora de bens simbólicos, se lançar estrategicamente na política de dominação. Se os bens materiais são identificados enquanto significam um dado sentido (portanto, enquanto bens simbólicos) daí ser do interesse dominante a manutenção, de entre outros fatores, o da tradição que nos textos tanto do Cordel como nos produzidos pela Indústria Cultural não ultrapassa o maniqueísmo entre bem/mal

e suas variações.

Parece simplista reduzir uma literatura como a de Cordel a esquemas dos meios de comunicação de Massa. Mas tudo é possível quando a sociedade industrial capitalista faz uso da bandeira do conformismo e substitui a consciência.

Para que o cordelista ganhe seu pão ele entra no jogo comercial. Se é sobretudo na cidade que ele vende seu produto e se na cidade ele enfrenta, o cinema, os quadrinhos, as fotonovelas, e os papos de TV, ele entra na concorrência com os ingredientes dessa Indústria Cultural. Daí o Kung Fu, o Elvis Presley, ídolos do cinema e TV.

A absorção e a apropriação, ao mesmo tempo que a interiorização, caminham juntas. O popular se apropria, reelabora e transforma o que originalmente é manifestação de uma outra cultura, no caso a cultura de Massa ou melhor; a cultura que é veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelas revistas e livros do processo editorial de Indústria Cultural.

Recodificação, ressemantização que envolve o Estado e a ação desses meios de comunicação. Penso no processo de transformação da cultura brasileira, sobretudo quando se tem um conflito social claro, mas que vem sendo ocultado por uma dinâmica cultural de coesão social e homogeneidade das cabeças, sob a influência direta do rádio e da TV. O mesmo processo que a Indústria Cultural usa para projetar Tarcísio Meira, faz de um cantor (sua transformação) um cantor nacional. Aparentemente a oportunidade é dada a todos, mas os

mecanismos são bem outros. Dominação disfarçada.

Analisando os motivos pelos quais no Brasil os produtores de símbolos nacionais e da cultura de massa elegeram itens culturais produzidos originalmente por grupos dominados, Peter Fry² sugere que a incorporação destes símbolos apresentava vantagens políticas, servindo para manter a dominação disfarçada sob outro nome.

O Cordel lido, "curtido", manipulado pela própria classe dominante, passa a ser mais um símbolo de coesão social.

Diante desse grande império que é o da Industria Cultural com seus meios de reprodução técnica, qualquer outra atividade artesanal tende a ser esmagada pela concorrência insuperável dos veículos de Cultura de Massa. Prova isso a reportagem sobre o fechamento de uma das maiores gráficas de Cordel - a de José Bernardo da Silva e seus filhos. Uma de suas filhas Maria de Jesus diz que:

- Em 1955, um fardo de papel custava Cr\$ 100,00. Em 1969 custava Cr\$ 400,00. Anteontem compramos um fardo por 25 mil cruzeiros.³

Exedito Sebastião aponta causa para a decadência da editora:

- Antigamente, o pessoal se divertia lendo nossos livros. Hoje, diverte-se com a televisão, o rádio e as revistas em quadrinhos.⁴

Os editores, os produtores se ligam a instituições governamentais para poder continu-

ar a produzir o folheto. Na fala deles vemos quanto os problemas das condições da produção, da circulação é determinante. Os folhetos deixam sua editora rústica, rudimentar para entrar de vez na rede capitalista de produção. Passará o Cordel de vez à indústria da consciência, como a Indústria Cultural? Continuará reproduzindo formas de dominação, através de seu discurso para continuar vendendo?

No risco da tradição, a luta dos cangaceiros, os diabos, os santos marcados pela ordem social reduzida a ação individual. Para o reconhecimento do sentido no meio das classes dominadas, a honradez, a valentia, o heroísmo; as ações morais sublinhadas pela narrativa do Cordel. *Mária Bonita*, *Lampião* entre outros. Na transformação *Elvis Presley*, *Kung-Fu* e outros. São os "tentáculos" da TV, do rádio, do cinema. Se nossas tradições culturais sempre foram fruto da dependência, não se poderia esperar outra coisa. O interesse do leitor do Cordel sobre *Kung-Fu* ou *Elvis Presley* mostram também como os bens culturais se transformam na medida das articulações e interesses econômicos.

A transformação da tradição faz parte da dinâmica cultural. Hoje, *Severino Cristovão*, de Caruaru, vende suas fitas gravadas por preços possíveis de serem comprados por intelectuais e turistas, que por curiosidade do exótico invadem as zonas de produção artística, a ponto, inclusive, como me afirmou *Galdino* (Caruaru-Alto do Moura/1981) de roubar muitas das produções e até roupas de

Mestre Vitalino, no Alto do Moura, em Caruaru.

Para não nos alongarmos mais:

Respeitar a literatura de Cordel enquanto memória é importante, mas fazê-la se repetir sem levar em conta o "tempo esgotado" dessas tradições é deixar que a cultura, a literatura popular não se transforme. Acho, inclusive, que a verdadeira transformação do Cordel, a nível de discurso, se dará simultaneamente ao processo de educação popular. Não uma educação popular paternalista, ou feita de cima para baixo, mas aquela que inclui uma real participação das camadas populares.

Eu não conheço a resposta
se quer mesmo que lhe diga.

É difícil defender

só com palavras a vida⁵ (*Morte e Vida Severina*)

(J. Cabral de M. Neto)

Mas com a palavra também se luta. Quando se aprende a ler e a escrever "aprende-se a dizer a sua palavra"⁶ (Paulo Freire). Se o Cordelista ainda repete histórias da Carochinha para os lavradores, a valentia de heróis de cinema para os da cidade é porque não sabe fixar a palavra como espelho da organização de sua luta.

Falar em Elvis Presley, Kung-Fu e seus textos demonstra, afinal, que o cordelista está lendo o que o cerca desta forma.

Na moda de viola de lavradores de Goiás o que já anda acontecendo:

- O cabloco adoece
não tem jeito de tratá
Panha folha e raiz

- Faz todo tipo de chá
Assim mesmo sem dinheiro
Procura o hospital
Ele não vai atendido
Porque não pode pagã
Procura o seu direito
Através do Funrural
Sai de lá só com a receita
Remédio não tem prá dá.
Só se ferver a receita
e dá pro doente tomã.⁷

Talvez seja essa uma das formas de literatura popular a mais viável, hoje.

Quando *Dila* soube da venda da editora de J. Bernardo da Silva mandou um recado:

- "Não se desespere. O tempo estragou o folheto, o tempo mesmo vai encarregar-se de endireitar".

Se o folheto de Cordel anda estragado é porque também anda estragada a sociedade. Ao tomar conhecimento disso, que o poeta, o artista faça de sua prática, de sua fala, de seu canto uma busca constante de outros caminhos, mostrando de fato a sua palavra, hoje.

NOTAS

- 1 - ENZENBERGER, Hans Magnus. *Elementos para una teoría de los medios de Comunicación*. Barcelona, Anagrama, 1972. p. 25-26

- 2 - FRY, Peter. Feijoada e soul food. Notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. In: *Ensaaios de Opinião*. Rio de Janeiro, Inúbia, 1977. p. 47
- 3 - NOBLAT, Ricardo. Mudam de dono as obras-primas do mundo do cordel. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*. Caderno B. 06/08/82.
- 4 - Idem, ibidem.
- 5 - NETO, João Cabral de Melo. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- 6 - FREIRE, Paulo. O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe. In: *A importância do ato de ler*. São Paulo, Cortez, 1982.
- 7 - BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador*. Rio de Janeiro, Graaf, 1982.